

Material de apoio ao professor
Contextualização da obra



É
proibido
miar

Pedro Bandeira

Ilustrações de **Avelino Guedes**

Coordenação pedagógica
Maria José Nóbrega

De Leitores e Asas

Maria José Nóbrega

“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”

Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a essas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que apreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que estão a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas, diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos esses elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” por meio da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos, assim como os horizontes de um leitor e os de outro. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “meu amor não quer voltar”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “não pode” que está escrito, é “não quer”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou? Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira etc.? O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 37ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

Um pouco sobre Pedro Bandeira, o autor de *É proibido miar*

Nascido em Santos (SP) em 1942, Pedro Bandeira mudou-se para a cidade de São Paulo em 1961. Trabalhou em teatro profissional como ator, diretor e cenógrafo. Foi redator, editor e ator de comerciais de televisão. A partir de 1983, tornou-se exclusivamente escritor. Sua obra, direcionada a crianças, jovens e jovens adultos, reúne contos, poemas e narrativas de diversos gêneros. Entre elas, estão: *Malasaventuras: safadezas do Malasartes*, *O fantástico mistério de Feiurinha*, *O mistério da fábrica de livros*, *Pântano de sangue*, *A droga do amor*, *Agora estou sozinha...*, *A droga da obediência*, *Droga de Americana!* e *A marca de uma lágrima*. Recebeu vários prêmios, como Jabuti, APCA, Adolfo Aizen e também o selo "Altamente Recomendável" da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.



© WILL SANDRINI

A obra

Bingo é o mais sapeca dos filhos de Dona Bingona e Seu Bingão, um vira-lata de respeito, orgulhoso de sua linhagem. Curioso e traquinas, Bingo vive aprontando das suas e não quer saber de imitar os pais, como seus irmãozinhos: em vez de farejar postes e perseguir automóveis, prefere fazer festas a todos os desconhecidos que passam pela rua e até para os cachorros vagabundos.

Seu Bingão começa a se preocupar... Mas coisas piores estão para acontecer. Bingo faz amizade com um gato, cuja vida, maravilhosamente livre, ele admira. E, quando chega o dia em que o orgulhoso papai vai avaliar o primeiro latido da filharada, Bingo solta um sonoro MIAUU! É a vergonha da família e também dos donos da casa, que, desconcertados, chamam a carrocinha para levar embora aquela "aberração".

No Canil Municipal, preso com outros cães desafortunados, Bingo sofre todo tipo de agressão e humilhação. Um dia, os cães planejam uma fuga, mas querem deixá-lo de lado – ninguém suporta um cachorro que mia. Os planos, porém, dão errado e apenas Bingo, confundido com um gato, consegue fugir. Quando os encarregados saem atrás dele, aparece para salvá-lo seu velho amigo gato, que o incentiva a pular o muro e ganhar os telhados.

Vencendo seus próprios limites, Bingo fica livre. E nunca mais puderam encontrá-lo. Dizem que foi para uma terra onde é permitido ser diferente.

Comentários sobre a obra

Bingo é o simpático cachorrinho que encarna as qualidades do verdadeiro espírito livre: é vivo, inteligente, faz suas escolhas com independência, não dá ouvidos a preconceitos, prega a liberdade e por ela enfrenta seus medos, ousa e ultrapassa a si mesmo. Por que essas qualidades incomodam tanto aqueles que são diferentes? Por que é tão difícil aceitar o inusitado, o fora de padrão? Essas são questões que a história aborda, dando oportunidade a saudáveis debates sobre as diferenças individuais e as dificuldades e recompensas de se procurar um caminho próprio e independente.

Quadro-síntese

Gênero: Novela.

Componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Ciências, História.

Tema contemporâneo: Vida familiar e social.

Público-alvo: 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.